

A COR DO AMOR

Allison Harms

Meu avô de 98 anos, apelidado de Pa, por nossa família, gosta de dar presentes em grande estilo.

Quando eu tinha dez anos de idade, Pa me deu um dos mais notáveis e, certamente, maiores presentes personalizados que alguém já recebeu. Esse presente me ensinou muito sobre o amor.

Em uma noite de julho, após o jantar, fomos visitar Pa.

Enquanto os adultos admiravam seu jardim, nós, crianças, escalávamos uma grande pedra de granito que, carinhosamente, apelidamos de "A Rocha de George Washington" - nosso minimonte Rushmore.

Quando vimos os adultos desaparecerem por entre as cercas vivas, fomos atrás deles. Estavam indo para a horta de Pa. Eu me lembro, de visitas feitas em anos anteriores, de como ele sempre mantinha tudo organizado. Os espaços entre as plantações eram perfeitos, as plantas eram bem aparadas e tudo demarcado por ervas popularmente conhecidas como cravos-de-defunto. Todos os anos, Pa cuidadosamente fixava e amarrava seus tomates e construía fossos e barreiras ao redor de suas abóboras e melões.

Até mesmo para uma criança que não gostava de verduras, sua horta era agradável de se ver: texturas variadas, folhagens viçosas, uma simetria alterada apenas pela luz do sol e pelas sombras ali projetadas.

Quando alcançamos os adultos, quase perdi o fôlego. Aquilo não era mais o protótipo da geometria com vegetais que eu esperava ver. A horta de Pa estava coberta por folhas empoeiradas do tamanho de pneus de bicicleta e por trepadeiras grossas como guidões. Ramos encaracolados estendiam-se em todas as direções. Aqui e ali, flores com formato de estrelas floresciam como papoulas alaranjadas da Califórnia. Em alguns lugares, onde a flor já tinha murchado, crescia um fruto verde do tamanho de uma bola de tênis.

Com as mãos nos quadris, Pa anunciou que ele tinha apenas "dado um tapa" no resto da produção da horta aquele, ano porque ia "entrar de cabeça" em um novo negócio: abóboras gigantes. Explicou que tinha plantado as sementes das plantas gigantes em copos de papel ("só uma semente por copo, veja bem"). Duas semanas mais tarde, transplantou a mais vigorosa muda para um solo especialmente preparado e enriquecido. Ele deu à trepadeira espaço suficiente para se espalhar - aproximadamente 56 metros quadrados - e adubou o solo com palha. -

Disse que planejava colocar folhas de papel brancas sobre as abóboras, se elas crescessem muito ultrapassando o tamanho das folhas e ficando expostas. Eu dei risada, imaginando que elas iriam parecer abóboras fantasmas assombrando o jardim ao meio-dia, em -vez de à meia-noite. Mas Pa explicou que, sem uma cobertura, a casca ficaria queimada pelo sol. Saí de fininho enquanto mamãe e Pa começaram a discutir o que colocar debaixo de cada abóbora prodígio, a fim de evitar que apodrecesse ou que ficasse danificada..

Com o resto do verão à minha frente e o início da quinta série no outono, logo me esqueci das abóboras de Pa.

Na metade de outubro, Pa nos convidou para outra visita. Assim que descemos de nossa van, ele nos cumprimentou. Alguma coisa estava diferente Pa nunca foi o tipo de vovô brincalhão, com bochechas vermelhas e olhos brilhantes. Ele não é daquele tipo que demonstra afeição, exceto pelos presentes que dá. Com seu colete de lã e um cachimbo na boca, sempre pareceu mais um professor. Mas naquele dia ele estava diferente. Parecia conter o riso. Levou-nos direto à sua horta.

Ali estavam elas. Grandes como a lua cheia. Duas abóboras gigantescas.

- Vau! - dissemos.

- Meu Deus! - mamãe disse.

Convencido de que estávamos espantados ao ver aquilo a distância, Pa nos fez chegar mais perto. Meu irmão caçula e eu pisamos por entre os ramos espinhentos e folhas que estalavam. Tocamos a casca macia das abóboras e tentamos cutucá-las com as pontas dos dedos. Parecia impossível removê-las dali. Se fossem colocadas em uma balança, creio que o ponteiro marcaria 250 quilos.

Mas foi um rabisco prateado no topo de uma das abóboras que chamou a minha atenção. Enquanto o fruto crescia, Pa riscou meu nome completo e a data de meu nascimento na casca. Na outra abóbora, o nome de meu irmão caçula e sua data de nascimento.

Eu era a filha do meio em uma grande família, e nunca imaginei que alguém soubesse quem eu era ou que me reconhecesse como pessoa; era somente parte do grupo, normalmente a irmã de um dos mais velhos. Frequentemente, sentia-me perdida ou deixada de lado. Quando descobri que Pa sabia meu nome inteiro, a data de meu nascimento e que tinha cultivado uma abóbora pensando em mim, planejando me fazer uma surpresa, gritei de alegria. Acho que até tentei abraçar o velho pão-duro ou, pelo menos, abraçar suas pernas... Tempos depois, entender quanto esforço e tempo ele havia, em segredo, dedicado àquela abóbora emocionou-me.

Aquela abóbora nos serviu de diversão e, depois, transformou-se em deliciosas tortas e doces. Ela realmente foi o presente mais inusitado que já recebi. Mais do que isso, foi a medida exata para que Pa demonstrasse sua grande generosidade e para que enchesse o coraçãozinho de uma menina com a surpresa de ser amada.

O vermelho pode ser a cor da paixão, mas, para mim, o abóbora é a cor do amor verdadeiro. Para mim, o abóbora é a cor do amor. Definitivamente.